

A Psicanálise Além do Édipo¹

I

MESTRE CASTRADO: ÉDIPO E MOISÉS E O PAI DA HORDA

I - A CHAVE DO PAI

Gostaria de comentar o que me cabe nesta segunda unidade do "Acesso da Psicanálise": "Para além do Complexo de Édipo", os capítulos: "O MESTRE CASTRADO" e "ÉDIPO E MOISÉS E O PAI DA HORDA". Tomo, para deixar algo pairando no ar, a música de Caetano: "Fora da Ordem" que serve de mote ao nosso seminário. Não vou lê-la toda. Ela tem 3 estrofes: a primeira fala sobre o trágico, a segunda sobre a mulata, a mulher, e a terceira sobre o trágico, novamente. A primeira começa dizendo:

*"Vapor barato, um mero serviçal do narcotráfico
Foi encontrado na ruína de uma escola em construção.
Aqui tudo parece que é ainda construção
e já é ruína.."(1)*

Belo verso! Tem a ver com esse país: aqui parece que tudo é construção e já é ruína.

*"Tudo é menino e menina no olho da rua
O asfalto, a ponte, o viaduto ganindo pra lua...
Nada continua.
E o cano da pistola que as crianças mordem
Reflete todas as cores da paisagem da cidade que é
muito mais bonita e
muito mais intensa do que no cartão postal". (1)*

Não sei se vocês já ouviram isso com atenção. Quando ouvimos cantando, parece que é algo para inglês ver ou para estrangeiro se sacudir. Estou tentando chamar a atenção para a violência desses versos do Caetano. Ele termina dizendo:

*"Eu não espero pelo dia em que todos os homens
concordem.
Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem
Juízo Final...
Alguma coisa está fora da ordem
Fora da nova ordem mundial" (1)*

¹ Este texto, estabelecido por Regina Lúcia Caminha Tôres, refere-se ao seminário "Discurso Analítico: Suas Incidências na Clínica e na Cultura", realizado no Instituto de Pesquisas em Psicanálise de São Paulo, no dia 22/6/1993.

Vejamos este antepenúltimo verso: "Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem Juízo Final..."

No momento em que estamos... (eu ia dizer, em uma estrofe de Lacan...) em uma parte do texto do seminário "O avesso da Psicanálise", quando Lacan propõe pensarmos a nossa clínica "Para além do Édipo", não seria, a meu ver, abusivo dizer que levá-la "para além do Édipo" é levá-la "para além do Juízo Final", pois é conduzi-la para além do pai, que deveria reger o Juízo Final e trazer a paz aos homens. Mas a psicanálise não trouxe a paz, como disse Freud nos Estados Unidos; fica a pergunta clínica de como levar os analisandos para além da paz, da religião e o que é que eles podem encontrar lá. Alguns, talvez, façam músicas como Caetano Veloso e, aí, estará amplamente justificada a nossa tarefa. Retomo, então, nosso mote:

"Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial "

Para além do complexo de Édipo é para além do Juízo Final

Partirei de dois casos clínicos marcados pelo pai. Vou dar os nomes de SERAFIM e MAFALDA. Duas queixas que são duas dúvidas. Serafim tem uma queixa quanto ao poder. Mafalda tem uma queixa quanto ao amor - à realização do amor. Diria Freud que a questão é a mesma, só que, nos homens, se realiza pelo poder e, nas mulheres, se realiza, explicitamente, aonde deve. A descrição desses casos está publicada, só vou extrair deles o fundamental.

SERAFIM é engenheiro, é um calculista de concreto. Procura análise com cerca de sessenta anos de idade, dizendo que está mal na vida porque, mais uma vez, a firma dele está ruim. Na história de sua firma, houve momentos alternados de crescimento e de perda. Descobre, na análise, que os momentos ruins se dão quando ele perde o seu sócio e os momentos de crescimento quando ele refaz uma sociedade. A sociedade ia bem até um certo ponto... aí, ele desfazia a sociedade... a firma caía... nova sociedade... e assim por diante. No decurso da análise se revela algo que, para ele, não era evidente: todos os sócios que teve nessas subidas e descidas eram pessoas da família, normalmente bem mais moços que ele e também engenheiros.

Um belo dia, ele teve um sonho: estava andando a cavalo, no interior, em uma fazenda no sertão; no cavalo da frente ia o seu pai, abrindo as picadas no mato fechado. As associações desse sonho... (insisto, eu estou resumindo) o levam a uma cena de quando ele tinha treze anos de idade e foi fazer o ginásio na cidade grande - no caso, Recife, pois na fazenda onde nasceu, só havia escola primária. Quando ele volta para as suas primeiras férias, o pai, à noite, pergunta-lhe o que ele estava estudando. Então, ele começa a ensinar para o pai as equações de 1º grau, pois estava feliz de haver começado a estudar matemática. O pai não consegue entender suas explicações e Serafim relata isso, em sessão, com bastante angústia e peso - ele não podia continuar falando ao pai, porque "como eu, garoto, podia estar ensinando alguma coisa para um homem que me tinha criado e a todos os meus irmãos (que não eram poucos), sabendo apenas as quatro operações fundamentais: adição, subtração, multiplicação e divisão?" De jeito nenhum, aquele garoto, aquele fedelho, podia se autorizar a ir além do pai!

Ele se dá conta que, a partir dali, a vida dele tinha se transformado numa correção, numa retificação, dessa sua história. Agora ele, na sua firma, representava o pai e seus sócios, todos membros da família, normalmente primos, representavam a ele mesmo. Colocava pai e filho, nos "lugares certos".

Quando o seu sócio começava a crescer demais, ele o despedia e lhe dava o equivalente a 50% da firma - como se dava para um filho. Depois, arranjava um novo sócio... e assim por diante.

MAFALDA tinha um problema na esfera do amor. Tinha vários namorados mas não podia casar-se, não conseguia "montar casa" e sofria por causa disso. Também foi um achado de análise

quando, a partir de um certo ponto, começou a falar sobre o meu pé. Tentou as interpretações mais variadas dizendo que o pé era a única parte do meu corpo que ela via, que queria pegar no meu pé... queria dançar comigo, etc. A questão do pé tinha sido provocada por uma mudança em sua vida que podia parecer à toa - quando começou a fazer análise, ela sempre usava sapatos fechados e, num dado momento, começou a usar sandálias. Por causa das sandálias e do "pé solto", ela teve um sonho com o pé.

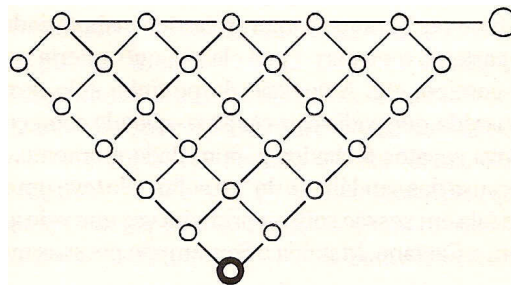
Um dia, ela fala em sessão sobre a primeira vez que veio a São Paulo (aliás, em homenagem a Caetano, Mafalda e Serafim são pessoas que vieram para cá do Nordeste). Veio na pré-adolescência, para conhecer uma tia que era importante nos seus ideais de menina - sua mãe dizia que "ela era igualzinha àquela tia que morava longe... lá para os lados de São Paulo". Quando chegou aqui, não era em São Paulo que a tia morava, era no interior, não entendeu nada, pegou o ônibus e chegou numa cidade meio esquisita. Ao chegar enfim na casa da tia, tudo lhe pareceu ainda mais estranho, principalmente porque a tia se apresenta a ela atrás de uma grade. Então, ela perguntou aflita, à sua mãe, se a tia era uma presidiária e a mãe respondeu: - "Não, sua tia é uma freira das "Carmelitas Descalças"'"

Essa questão dos "pés descalços" revelou a essa moça uma impossibilidade relativamente clara de porque não podia casar-se - uma identificação com uma freira carmelita descalça não é muito propiciadora, em termos do casamento...

Parto desses dois casos, de Serafim e de Mafalda, para me perguntar se são suficientes em termos de uma análise. Espero que, embora rapidamente relatados, tenham ficado claros e que vocês aceitem estas interpretações, uma vez que o objetivo não é desvendar todos os seus detalhes.

Se compreendemos esses casos é porque eles têm uma chave interpretativa comum e a chave que utilizamos em Psicanálise é o Complexo de Édipo. O pai está em questão nos dois casos. Está em questão no caso de Serafim, que não pode ultrapassar o pai, relato habitual na clínica dos obsessivos. E o pai está presente no caso de Mafalda como o homem proibido que pertence à mãe, que lhe diz: - "Minha filha, você não pode se casar, você é igualzinha à sua tia".

Nós nos acostumamos a ver a chave do pai (ou a chave do Édipo) em Freud, de 1897 a 1937. Poderíamos, então, graficar assim, lembrando do texto de Freud e fazendo uma paródia da "Interpretação dos Sonhos":



Tomando um relato em suas partes, de cada ponto ao menos duas associações se realizam e delas mais duas e assim por diante, o que poderia levar a pensar que continuaria ad infinitum. Mas não, a partir de um certo momento as associações começam a convergir para um mesmo ponto. Freud chamará a esse ponto de nó de desejos sexuais infantis recalçados.

É uma tese que Freud desenvolve durante a "Interpretação dos Sonhos", quando interrompe sua narração e diz: "Eu não posso contar mais meu sonho, porque revelaria minha intimidade"; e

como ele sempre conversa com um interlocutor fictício, continua: "Não venha me pedir que relate outro sonho, pensando que não revelaria a minha intimidade porque, qualquer sonho que eu conte, ele deverá se aproximar desse mesmo ponto." Ou seja, não só um sonho se concentra num ponto que é chave da explicação da sua razão como, qualquer sonho, vai se concentrar neste mesmo ponto.

Então, podemos notar que, se na variância dos sonhos não existem pontos distintos, para cada pessoa deve haver um nó de desejos sexuais infantis recalcados que funciona como uma chave geral de explicação para aquilo que lhe sucede e para a forma que ela vê o mundo. Ou seja, alguma coisa que aparece fora de ordem é, novamente, englobada nesse sistema geral do homem que é o Complexo de Édipo e que Freud cunha no dia 15 de outubro de 1897, quando buscava uma chave geral explicativa para os sonhos e as neuroses, como veremos em seguida.

Um parêntese. Entreguei-lhes o "dinoslide", que é um "slide escrito" com uma série de citações que vamos percorrer e que traz a vantagem de ser possível levar o slide para casa. Eu pensei que, talvez, seja uma forma de, realmente, fazermos um seminário. Tendo nas mãos os recortes dos textos, vamos poder trabalhar a referência escrita, concreta. Também, vai ficar claro para todos aquilo que não está recortado aqui.

Depois desta uma abertura, vamos passar às citações referentes aos capítulos VI e VII, que é minha tarefa comentar hoje.

II - PARA ALÉM DO JUÍZO FINAL

UMA MÚSICA NA CLAVE DO ÉDIPO

Em 21 de setembro de 1897, Freud abandona o seu primeiro axioma geral explicativo - a teoria da sedução. Ele a abandona por quatro razões; não vou me ater aos detalhes, entendendo que isso é sobejamente conhecido. Porém, quero lembrar que ele abandona o que, até então, lhe tinha valido como um elemento explicativo geral do mal-estar das suas históricas: "Uma histérica sofria porque tinha sido seduzida, quando criança, por seu pai." Ele pôde se valer dessa chave, ou desse axioma explicativo, até o momento em que desconfiou que era muito grande o número de pais acusados...

Se vocês quiserem me acompanhar, está aí na Citação nº 2, na carta 69 que escreve a Fliess:

"De modo que começarei historicamente a partir da, questão da, origem dos meus motivos de descrença.. (a) Os contínuos desapontamentos em minhas tentativas de fazer minha análise chegar a uma conclusão real, a debandada, das pessoas que, durante algum tempo, eu parecia estar compreendendo com muita segurança, a ausência dos êxitos completos, com os quais eu tinha contado, a possibilidade de explicar os êxitos parciais, de outras maneiras, segundo critérios comuns - este foi o primeiro grupo de motivos. (b) Depois, veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso - a constatação da, inesperada frequência da, histeria, na qual o mesmo fator determinante está invariavelmente estabelecido, embora tão difundida, dimensão da, perversão em relação às crianças, afinal, não seja muito provável. (A perversão teria de ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria, de vez que a doença somente aparece onde houve uma acumulação de eventos e onde incide um fator que enfraquece a defesa). (c) Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovado, de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a imaginação que está catexizada, com afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual invariavelmente tem como tema os pais). (d) Em quarto lugar, a reflexão de que, na psicose mais profunda a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, o segredo das experiências da infância revelado sequer no delírio mais confuso. Se, dessa forma, verificamos que o

inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa de que no tratamento aconteça o contrário, a ponto de o inconsciente ser totalmente dominado pelo consciente. " (2)

No item (a) Freud abandona a sua primeira tentativa de fazer a sua análise chegar a uma realidade de fato. No item (b), Freud diz que não pode aceitar a tese de que todos os pais das históricas sejam perversos, isso seria uma improbabilidade. O item (c) mostra o abandono por Freud da busca da realidade factual e a ida para a realidade ficcional e o (d) que o inconsciente não é dominado pelo consciente.

Ainda nessa carta a Fliess, Freud acalma seu amigo, afirmando sua alegria:

"será que essa dúvida simplesmente representa um episódio prenunciador de um novo conhecimento? "

Vinte dias depois, ele escreve uma nova carta, muito mais longa. Dela eu só extraí um pequeníssimo trecho em que Freud diz o seguinte: *"Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento pela mãe e ciúmes do pai..." (3)*

Quero apontar que, nessa ocasião, o pai de Freud havia morrido. Ele teve um sonho com o enterro, aonde ficava muito preocupado porque achava que não tinha dado ao pai o túmulo merecido. É a mesma questão do Serafim: - será que rendemos homenagem suficiente? Lembro que a palavra "homenagem" vem de "fazer-se homem a serviço de" (homem + agem).

Continuemos lendo quando Freud define a universalidade do Édipo: ... *"e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram históricas..." (Algo parecido com o que acontece com a novela da filiação na paranóia - heróis, fundadores de religião). " (3)*

Nessa nota, nesse momento, Freud pensava que era só no caso do que ele chamava de paranóia que se mistificava uma família heróica. Em 1909, ele vai descobrir que criar uma família maravilhosa é comum a todos e escreve sobre isso em Romances Familiares ou A Novela Familiar do Neurótico, que vamos ver daqui a pouco.

... "Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de "Oedipus Rex", apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender porque os ulteriores dramas de destino não tinham senão como fracassar lamentavelmente. " (3)

Fiquemos aqui; meu interesse era só detectar e pontuar esse momento fundador em Freud. Nesse dia 15 de outubro de 1897 ele fala do Édipo e o faz comum a todos. Todas pessoas que vão assistir à peça do Édipo se sentem estranhamente incomodadas pela história - tem um quê delas naquela história e, por isso, ela é clássica.

Em seguida, Freud analisa Hamlet dizendo que ele era um histórico e que devíamos a essa sua histeria o fato de não ter morto o pai. Não que ele fosse bonzinho; um príncipe dinamarquês daquela época não pensava duas vezes para matar alguém, como fez, por exemplo, para matar Laertes. Por que aquele príncipe, que poderia matar tranqüilamente o seu tio, com mais razão do que Laertes, não o tinha feito? A resposta de Freud, nesse momento, é: não o fez porque ele em algo se identificava ao seu tio - ele, Hamlet, também poderia ter matado o pai.

Se lermos Freud com Lacan, veremos que Freud jamais abandonará a sua tese edípica - manterá o Édipo, manterá o pai como a chave interpretadora da Psicanálise - tal como exemplificamos nos casos de Serafim e Mafalda. Manterá essa chave até 1937 quando, em seu último texto, "Análise terminável e interminável" (ou "Análise finita ou infinita"), na parte final, Freud defende que por melhor que se possa dirigir uma análise e que ela tenha sucesso, sempre vai se chegar a um limite daquilo que se pode obter. Ele diz qual é esse limite:

"Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos 'pregando ao

vento', do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida.» (4)

Não adianta, pela razão, tentar convencer uma mulher que ela não terá um pênis. Não adianta, pela razão, por uma sociologia ou adaptação, convencer a um homem que ele deve abandonar, ao menos de vez em quando, um certo "pavoneio", um certo se fazer mais importante do que o outro, ou o tomar sempre o parceiro como escada para si. Ele diz não adiantar e termina o texto num misto de decepção e esperança, escrevendo:

"Seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito em dominar esse fator num tratamento analítico. Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele." (5)

"Para com ele", ou seja, para com as respostas frente à castração: seja a resposta feminina de almejar que exista um pênis para ela, seja a resposta masculina de almejar a não-perda do seu pênis, frente a outro homem.

Essa semana, ouvi um colega dizer sobre essa frase de Freud: - "Mas, isso coloca a mulher numa categoria inferior à dos homens?" Disse-lhe: - "Mas, por que?" - "Porque almejaria o pênis". Ocorreu-me perguntar: - "E quem disse que o pênis é do homem?" A passagem " inveja do pênis, logo, inveja do homem" não é tão evidente. Afinal, nessa área, quem tem não manda e quem manda não tem...

No meu entender, no percurso de 1897 a 1937, 40 anos de Psicanálise, 40 anos da genialidade e da coragem desse homem, Freud manteve a mesma clave. Se fosse uma música, ele tocou sempre essa música na clave de dó, ele tocou sempre essa música na clave do Édipo.

UMA NOVA CLAVE EM LACAN

A tese do título

Nós estamos em um seminário aonde vemos um texto que põe um título à nossa estrofe: PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO. E isso é novo, uma nova clave se apresenta em Lacan para pensar a direção de uma análise, mudando o fim a ser alcançado. O final de uma análise não seria mais levar o analisando a tocar a música edípica, não seria mais um fim religioso, aonde os analistas seriam os sucedâneos dos padres.

É nossa tarefa, hoje, mesmo que só de forma introdutória, avançar um pouco nesse caminho: como podemos pensar essa clínica para além do Édipo e de que maneira Lacan vai apresentar seus argumentos.

Neste seminário O Averso da Psicanálise, os títulos dos capítulos VI e VII são assim apresentados: **O MESTRE CASTRADO** e **ÉDIPO E MOISÉS E O PAI DA HORDA**, respectivamente. No programa da reunião de hoje, os 2 títulos foram escritos juntos e formam uma sentença: O MESTRE CASTRADO: ÉDIPO E MOISÉS E O PAI DA HORDA Ora, é um título em si que já tem uma tese. Ao colocar "O Mestre castrado", dois pontos, "Édipo e Moisés e o pai da horda", estamos castrando aqueles que não são castrados: Édipo não é castrado (ele não tem complexo de Édipo, se tivesse, não teria feito o que fez); Moisés não seria castrado e o pai da horda é o paradigma da não castração (ele é o personagem que tem todas as mulheres ou, se quisermos, é o orangotango que teria todas as mulheres). Ao colocar em título "O Mestre castrado", seguidos desses três nomes, nós estamos fazendo algo anti-freudiano, nós estamos fazendo algo talvez lacaniano - é um ponto de mutação em Lacan.

A histórica e o pai

De onde surge ou como surge essa questão do pai? Escolhi uma pequena citação em Lacan e

uma citação em Freud para cotejarmos: Lacan aponta que o pai vai ser um produto do sintoma da histérica - a histérica faz o pai, a histérica solicita o pai: "*Seguindo o efeito do significante-mestre, a histérica não é escrava...*" (6)

Eu não vou me demorar na análise dessa frase: "a histérica não é escrava."

Só quero lembrar que Lacan, nesse momento, está conversando com Hegel e está falando sobre a maneira que se constrói o saber sobre o gozo. Em Hegel, o escravo tem o gozo e vai dar esse gozo para o mestre; em Freud e em Lacan, a histérica vai solicitar ao mestre a resposta sobre o gozo e não dá esse gozo ao mestre. Portanto, há uma diferença entre Hegel e Freud e que Lacan assinala nesse ponto. A citação continua: "... *Demos-lhe agora o gênero sexual sob o qual esse sujeito se encarna mais freqüentemente...*" (6)

Ou seja, a histérica é mulher. Quero lembrar que é mais fácil fazer uma histérica com corpo de mulher que com corpo de homem. Até dá para fazer com corpo de homem, mas, complica um pouco.

"Ela faz, à sua maneira, uma espécie de greve. Não entrega seu saber..." (6) Daí a diferença com Hegel-"O Mestre e o escravo". "...*No entanto, desmascara a função do mestre com quem permanece solidária, valorizando o que há de mestre no que é o Um com U maiúsculo, do qual se esquivava na qualidade de objeto de seu desejo. Aí está a função própria que temos demarcado há muito tempo, ao menos no campo de minha escola, sob a denominação de pai idealizado.*" (6)

Faço esse recorte para mostrar esse momento da histérica e o pai. Há um outro momento no texto, que não está destacado aqui, aonde Lacan diz que "a histérica se aliena no significante-mestre". Isso me ficou claro quando pude pensar que a histérica, realmente, sempre anuncia (ou sempre aponta ou aguarda) que venha esse significante-mestre. É por sempre aguardar esse significante-mestre que, frente todos os mestres, ela diz que o verdadeiro significante-mestre está além deles e que eles não são nada mais do que uns enganadores.

Passemos a idealização do pai em Freud, 1909, nos "Romances familiares".

O texto de Lacan tem a força da fórmula e o texto de Freud uma força sensível:

"Dessa forma a criança não está se descartando do pai, mas enaltecendo-o. Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. Ela dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para voltar e para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram. Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança. O estudo dos sonhos nos fornece uma contribuição interessante ao assunto. Da interpretação dos mesmos concluímos que mesmo em anos posteriores, se o Imperador e a Imperatriz aparecem em sonhos, tais nobres personagens representam o pai e a mãe do sonhador. Assim, a supervalorização dos pais pela criança sobrevive também nos sonhos de adultos normais." (7)

Está presente a chave do pai nos dois textos. Seria bom pensar porque Freud nunca abandona o pai como a chave interpretadora da Psicanálise. Ora, quando um axioma é fraco para explicar a vida, busca-se um axioma mais forte que o anterior para obter uma chave para ver melhor o mundo. Foi assim que, um dia, os matemáticos pensaram que poderiam resolver a "completude" na sua tentativa de definir a verdade: "Se eu ainda não sei tudo, amanhã eu poderei saber." É assim que o neurologista pensa: se, hoje, tem um EEG, amanhã vai saber melhor porque pode fazer uma tomografia e, se a tomografia ainda não é suficiente, tem a ressonância magnética, e depois a hiper-ressonância magnética o que poderia fazer pensar que, um dia, alcançaríamos esse pai absolutamente idealizado, que nos protegeria de nossa infernal ignorância.

Pensar assim seria pensar como aqueles que suportam a idéia que, amanhã, a História vai terminar. E Fukuyama pode imaginar que: "*A História acabou porque não existe mais conflito no*

mundo, haja vista só termos uma potência..." (o Kissinger discutiu isso, semana passada, num artigo). Ora, se agora nós temos um mundo unipolar e "acabou o conflito", com mais razão, temos que tomar um profundo cuidado de saber o que se passa nesse mundo, quando esse conflito não está exposto.

Do ponto de vista psicanalítico, a História não pode acabar porque, se ela acabar *ou*, se nós pararmos de contar essa História, nós vamos "tomá-la na cabeça", diretamente, como acting-out. Nós vamos "tomar na cabeça" como ato de racismo, como ato de separatismo ou como uma revolução. Enfim, exemplos não nos faltam...

As mentiras sobre o amor

Retomando o fio de Freud e Lacan, voltemos às citações de um pai sempre mais forte. As maneiras de recuperação do saber, do paraíso perdido, ficam evidentes nos textos de Freud que vão de 1910 a 1917, que Strachey ordenou no mesmo volume, sob a denominação de "Contribuições à Psicologia do Amor": UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO FEITA PELOS HOMENS (1910), SOBRE A TENDÊNCIA UNIVERSAL À DEPRECIÇÃO NA ESFERA DO AMOR (1912), O TABU DA VIRGINDADE (1918) [1917] (8)

O texto de 1910 trata de como os homens amam; o texto de 1917, de como é que as mulheres amam e o texto de 1912 diz sobre a universalidade de homens e mulheres serem absolutamente incapazes frente ao amor (está em título: "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor").

Por que dizer incapazes? Porque homens e mulheres são incompetentes em sustentar o amor na sua radical diferença deles mesmos. A sustentação do amor na sua radical diferença é o que *faz* com que Lacan defina no seminário da Ética que, realmente, o amor verdadeiro é o amor heterossexual; mas, de jeito nenhum, isso quer dizer que seja o amor do homem pela mulher, ou da mulher pelo homem. O amor heterossexual é o confronto do que pode ser dito e o silêncio. Ou seja, heterossexual é uma diferença absoluta.

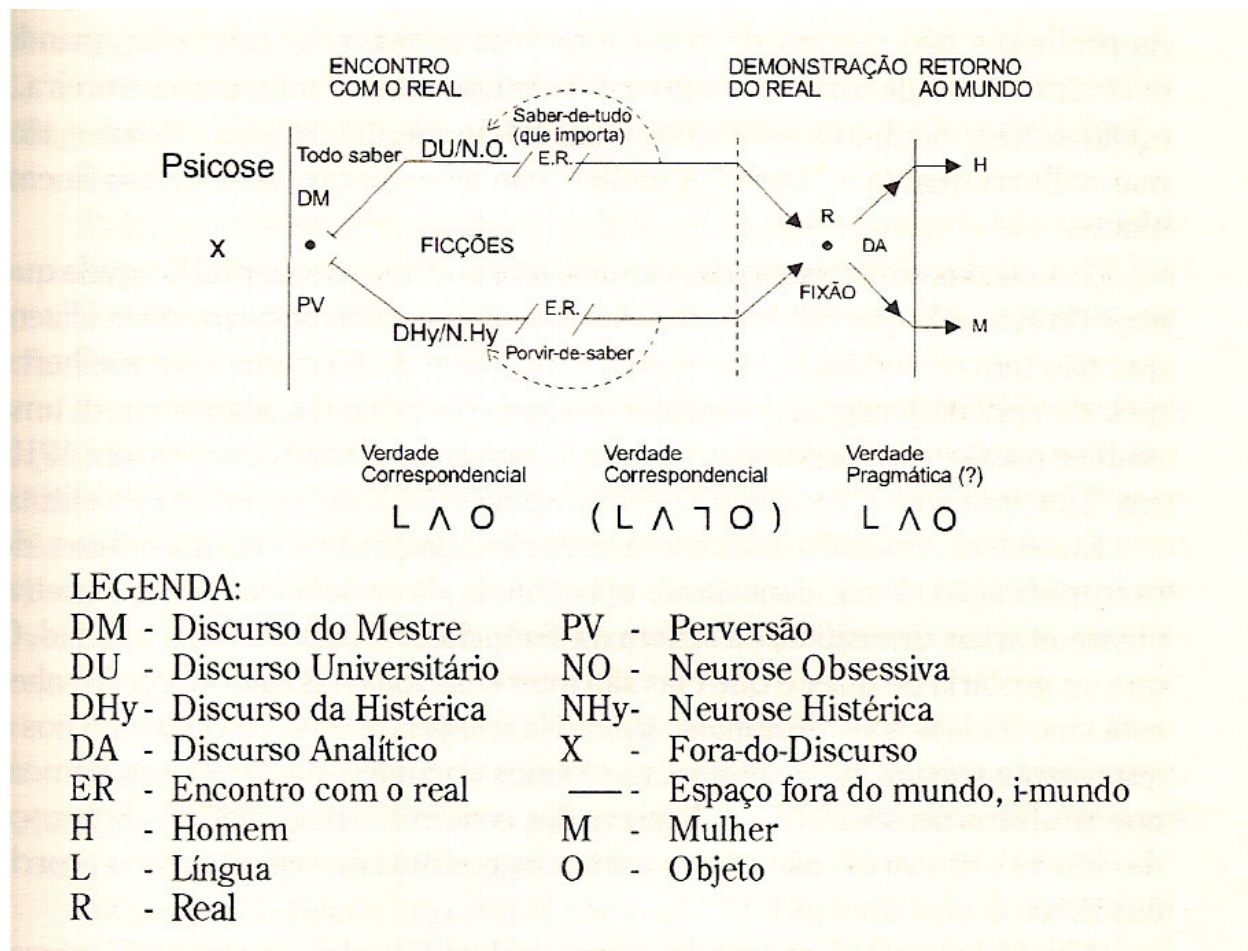
Imaginar essa diferença radical, no sentido de que um homem é diferente de uma mulher e vice-versa, catalogando os atributos, é ainda estar no domínio da cultura. É diferente de suportarem quem ama uma radical diferença que não pode ser dita. Se alguém puder amar dessa maneira, não terá transformado essa diferença em um objeto identificado comum nas mútuas acusações de um casal; e aquilo que não chegou ao nível de objeto é uma coisa, para retomar o termo freudiano - Das Ding. Em "A Ética da Psicanálise", conhecida de muitos, Lacan disse que deveríamos pensar na possibilidade de "elevar o objeto à dignidade da Coisa". Ora, elevar assim o objeto é não transformá-lo, é não vesti-lo, é não travesti-lo, é não adaptá-lo aos nossos axiomas conhecidos, é mantê-lo na sua radical diferença. Que Das Ding seja Das Ding, que a castração não seja suturada. Édipo para Freud é uma sutura, é um sonho seu. Nas últimas palavras do capítulo Vil, Lacan diz: "*Vou analisar o complexo de Édipo como um sonho de Freud*". Nós sabemos como um sonho sutura aquilo que deveria ficar aberto; Freud não foi além do pai, nem na sua clínica, nem na sua instituição.

Retomo 1912. Todos nós temos uma tendência universal à depreciação na esfera do amor, todos nós objetivamos as coisas amadas, todos nós (supondo que aqui não exista o amante ideal) temos uma tendência a transformar essa Coisa, a nomeá-la, a fazê-la objeto. Alguns, como Chico Buarque e Milton Nascimento, a cantam, quando dizem que essa Coisa não deve ter nome nem nunca terá.

De que maneira nós mentimos sobre o amor? As duas mentiras sobre o amor, se vocês me aceitam dizer assim, estão explicadas além do texto de 1912, no de 1910 – como é que os homens amam e no de 1917 - como é que as mulheres amam.

Uma partitura

Para ordenar essas questões, mais uma vez eu vou me valer de um quadro que propus em um artigo que publiquei chamado "Opção Escola". (9) Coloco-o aqui para aqueles que, em outros momentos, não dividiram conosco essa discussão:



Partindo de um ponto ideal, do qual se está separado pela castração, homens e mulheres fazem duas trajetórias diferentes.

Os homens, tendo perdido um todo-saber, se contentam com um saber-de-tudo. Explico: tendo perdido o acesso direto e inquestionável sobre o que poderia lhes dar o prazer, os homens tentam recuperar o saber perdido se acomodando às bases aristotélicas do bem pensar. Para eles os três princípios: "identidade", "terceiro excluído", "não-contradição" os orientam em relação ao mundo. Com menos razão uma mulher teria que sustentar esses três princípios porque eles são organizados em torno a um eixo único, da mesma maneira que a sexualidade masculina o é em torno ao falo, ao gozo fálico.

Um homem está feliz na ordem unida, no grupo, no Exército. Está feliz em um seminário, quando identificado com outros homens, de temo azul.

Peço a sensibilidade de vocês para esses exemplos; eu sei que, conceitualmente, eles deveriam ser melhor trabalhados.

Uma mulher, raramente está feliz num grupo, raramente faz uma Igreja, raramente faz um Exército (quando fez, cortou um peito; foram as amazonas). As mulheres não gostam de vestir a mesma roupa, pelo contrário; quando encontram a amiga com o mesmo vestido, brigam com a amiga e a costureira...e não acham nenhuma vantagem num elogio identificatório: - "Você é tão maravilhosa quanto a Maria!" A mulher não se compraz em ser tomada em bloco.

Os homens sim, gostam das classificações. Pensam saber tudo aquilo que importa e, aquilo que não importa, eles não sabem e não querem saber (dizem que não tem importância, que é uma coisa menor). Eles amam as mulheres quando podem denegri-las e quando podem educá-las; daí, alguns ter uma mulher para casar e outra para transar. É isso o que Freud descreve em 1910, em "*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*" - o amor à prostituta.

Eu estou tentando chamar a atenção jogando com dois tipos de exemplificação. Uma, conceitual, epistêmica, da ordem do saber; e outra, digamos, mais dramática, da ordem da vivência clínica descrita por Freud. O que eu gostaria de dizer é que elas são inter-relacionáveis - a questão do saber está vinculada nesses exemplos. Abstraí-la e levá-la ao nível do conceito nos é importante porque, nem sempre, nós vamos encontrar na clínica um homem que ama uma prostituta. Aliás, hoje em dia, com muito mais razões - do avanço da ciência e dos vírus - não ocorre o amor à prostituta da maneira como ocorria em 1910.

A histérica não tem porque preservar o saber. Freud descrevia as diferenças frente ao complexo de Édipo entre homem e mulher, dizendo que esta não tem nenhuma razão de ter medo da castração. Vai ter medo da castração por que? O homem sai do complexo de Édipo pelo complexo de castração, enquanto a mulher entra, pelo fato de ser castrada. É diferente.

Como Lacan dirá, Freud tentou vestir, de certa maneira, aquilo que via na clínica, se utilizando de um mito universal. Naquilo que Freud utilizou um mito para universalizar, Lacan utilizou uma fórmula. Perde em sensibilidade e ganha em precisão. Por isso, as pessoas acham que não entendem Lacan e entendem Freud. As pessoas nem sempre entendem Freud, podem "senti-lo" mas, entendê-lo é uma longa questão...

É exatamente o que Lacan mostra: é necessário ir além do sentimento, além desse entendimento imediato do sensível para poder compreender Freud. Estou me lembrando de Lacan em "*A Instância da Letra*" quando ele diz que as pessoas não entenderam os sonhos porque ficaram fascinadas com o produto deles e se esqueceram da maquinária, que era o fundamental da descoberta. Ele diz, então, que se valerá da linguística para realçar, para evidenciar o que não conseguiram ler em Freud.

Se no axioma: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" a linguística foi importante, para o "além do pai", "além do complexo de Édipo", é a lógica que contará.

Retomando ao gráfico, um homem busca uma análise quando há o encontro com o real. Estava tudo bem na vida dele, aí sofre um determinado tropeço, que é o encontro com o real, e ele procura um analista, tentando fazer com que este lhe devolva a antiga boa forma.

Do lado da histeria, quando comecei a falar do complexo de Édipo, lembrei que a mulher não tem por que preservar o pênis por não tê-lo. Então, com razão, ela pode pensar em vir a ter. Ela não tem um saber-de-tudo, ela tem um porvir-de-saber. Eu estou retomando, em outros termos, àquilo que citei há pouco em Lacan: a histérica alienada ao significante - mestre, a histérica pedindo para que venha o mestre para salvá-la e que lhe restitua aquilo que ela perdeu - ela está no porvir-do-saber.

Do ponto de vista da cultura, as duas posições são importantes.

A posição do saber-de-tudo corresponde à neurose obsessiva e também ao que Lacan chamou de discurso universitário. Temos as universidades para manter o saber-de-tudo-que-importa.

Numa universidade importante como a USP - Universidade de São Paulo existe um instituto encravado em seu seio, o "Instituto de Estudos Avançados" que é, exatamente, anti-universitário.

Chegou-se à conclusão que a universidade impedia a própria pesquisa. Daí então, foi necessário inventar um instituto dentro dela para trazer e criar ares novos à vida departamental e à repetição. É claro que o saber gerado nas hierarquias departamentais, nos concursos e nas teses têm o seu lugar e são fundamentais para um certo tipo de sustentação mas, há que se quebrar o automatismo do saber.

A USP recuperou essa idéia, do Instituto do mesmo nome em Princeton onde, entre outros, estiveram Einstein e Gödel. Também, de certa maneira, mas não tanto, a do Colégio da França no qual lecionaram, sempre de portas abertas, Michel Foucault, Barthes e, ainda hoje, Claude Lévi-Strauss. Aliás, não sei se agora, mas, até muito recentemente, todas as semanas, quem quisesse assistir a um curso de Lévi-Strauss entrava e assistia. Vejam, não só os seminários de Lacan eram abertos. No "Colégio de França", no "Instituto de Estudos Avançados de Princeton" e no "Instituto de Estudos Avançados da USP" há seminários abertos, guardadas as devidas proporções.

Apesar das enormes dificuldades enfrentadas neste país, há uma tentativa de manter o ensino aberto, de se honrar a pesquisa, (que é uma posição histórica), dentro da própria Universidade, contra a universidade.

Um "instituto de estudos avançados" é uma pressuposição de que um saber virá numa universidade que seria um "instituto de estudos consagrados".

Retomemos, no esquema, as posições histórica e obsessiva, que são respostas frente a uma posição perdida, de um ideal. Essa é uma divisão que Lacan retoma ao longo desse seminário, aonde chama a atenção para "os pacientes" (vamos ver porque são pacientes). Os pacientes nos solicitam um retorno, a acalmia da forma anterior de amar. Uma forma que, se estiverem de acordo com esse desenvolvimento, não dignifica, não eleva o objeto à "Coisa" mas, rebaixa a "Coisa" à indignidade do objeto (se for possível reverter a fórmula lacaniana). Frente ao amor suturante da transferência, que pede resposta, o analista oferece o enigma, forma princeps da interpretação. Por que Édipo teve que responder à Esfinge? Porque senão morria.

Então, a posição do analista tem que ser de uma premência, de uma agudeza e fineza tais que seja capaz de gerar um enigma sobre aquilo que o analisando está dizendo, aonde a resposta tem que vir porque o perigo é mortal. Há que se falar, há que se ir além... é um aticamento um pouco duro. Esse ponto aonde o analista fica é um ponto fora-do-mundo. É um ponto fora do mundo no sentido de que foge aos meios da cultura, foge aos meios dos objetos, foge aos meios da palavra. É um ponto fora dos objetos, é um ponto de "Coisa", é um ponto além do finito, no trans-finito, é um ponto fora do mundo, no i-mundo. Estou utilizando várias metáforas que Lacan empregou no decurso do seu ensino; é o ponto de fixação. É necessário levar uma análise a esse ponto de fixação e ultrapassá-lo.

A pergunta que me fica hoje em dia é se, tendo passado por esse ponto de fixação, podemos verificar algo mais além de Freud, quando diz: *"só podemos consolar-nos porque demos um incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele"* (final de "Análise terminável e interminável").

Quais os efeitos em uma pessoa depois de ter feito uma análise, depois de ter passado por esse ponto mortal? Aqui, lembro da discussão de Lacan com Balint; para Balint, era "passar por um luto". Para Lacan, é "passar por um ponto mortal". Esse ponto de fixação é mortal porque é imóvel, porque é eterno, porque é "Coisa", porque é fora do mundo, porque é tumular... é mortal porque tem um quê de imposição. Mortal é a posição do analista, é mortal por causa da pulsão de morte, é mortal porque não junta, é mortal porque disjunta... porque analisa.

Quem chega aí é quem, não desistindo de seu desejo, suporta e prefere uma verdade do semi-dizer aos enganos das verdades correspondenciais ou coerenciais (está no gráfico e foi definido em outro trabalho).

É o que a psicanálise tem a oferecer como contraponto ao Mal Estar da Civilização magistral.

... "O discurso do mestre tem apenas um contraponto, o discurso analítico, embora tão inapropriado." J.L. (12)

- CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- VELOSO, Caetano - "Fora da Ordem".
- 2 - FREUD, Sigmund. Carta 69 - Datada de Viena, 21 de setembro de 1897 – in pags. 350 e 351 dos "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess" - vol. I da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.
- 3 - _____. Carta 71 - Datada de Viena, 15 de outubro de 1897 - in pág. 358 dos "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess" - vol. I da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.
- 4 - _____ "Análise terminável e interminável" (1937) - in pág. 286 – vol. XXIII
- 5 - _____ "Análise terminável e interminável" - in pág. 287 – vol. XXIII..
- 6 - LACAN, Jacques- Título do capítulo VI: "O Mestre castrado" - in pág. 88 de "O avesso da Psicanálise". 1969/1970 - Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1992.
- 7 - _____ FREUD Sigmund - "Romances Familiares" (1909 (1908» - in pags. 246 e 247 - vol. IX da Edição Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.
- 8 - _____ Índice do vol. XI da Edição Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.
9. FORBES, Jorge - "Opção Escola" Artigo publicado no "Anuário Brasileiro de Psicanálise, 92-93, "Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1991.
- 10- LACAN, Jacques. "O Mestre castrado" -capo VI -inpag. 81de O seminário, Livro 17: "O avesso da psicanálise". 1969-1970 - Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1992.